

87

9

# SERMAO

DE

## ACÇAM DE GRAÇAS A DEOS

Pela conservaço da vida, e faude de Sua Magestade  
Fidelissima, que fizerao celebrar os Homens de Ne-  
gocio da Villa do Recife de Parnambuco,

*PREGADO NA REAL IGREJA DA MADRE DE DEOS  
dos RR. PP. da Congregaço do Oratorio, fazendo Pontifical o Excellen-  
tissimo, e Reverendissimo Senhor D. Francisco Xavier Aranha, Bispo da  
mesma Diecese, e assistindo o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor  
Governador, e Capitaõ General da Capitania,*

PELO R. P.

## IGNACIO DA SILVA,

Preposito, e Mestre que foy de Filosofia, e Theo-  
logia na mesma Casa,

### OFFERECIDO

AO PRECLARISSIMO DOUTOR

## MIGUEL CARLOS CALDEIRA

DE PINA CASTELLOBRANCO,

*Juiz de Fóra, e Ouvidor actual da Comarca de Par-  
nambuco,*

E DADO AO PRELO

## POR JOAM DA COSTA SOARES,

Homem de Negocio da mesma Villa.



## LISBOA,

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

---

MDCCLXI.

*Com as licenças necessarias,*

L545

1/539

SEMPER

REPUBLICA

LIBERTATIS

ET

PRO

LIBERTATE

ET

LIBERTATE

LIBERTATE

LIBERTATE

LIBERTATE

LIBERTATE

LIBERTATE



LISBOA

Na Officina Typographica de Francisco José de Sá

1821



deste Recife, na solemnidade de Acção de graças, que os Homens de Negocio desta Praça offerecerão a Deos pela conservação da vida, e saúde de Sua Magestade Fidelissima; e com grande gosto, e contentamento assentey comigo fazer publico por meyo do prèlo assim o seu talento, como o meu affecto, para lisonja dos que com particular empenho o estimaõ, e satisfação dos que com singular respeito o veneraõ. Ainda hoje ignora o Author esta minha determinação, que de proposito lhe occultey, por evitar a contenda, que haveria entre a sua humildade, e o meu pensamento. A sua humildade contenderia, que se não vissem as suas Obras, só porque eraõ suas; o meu pensamento me livrava do escrupulo mais notavel entre os Politicos, qual he a ingratitude a quem tanto devia.

E sendo este Sermaõ para mim, e para todos os que tiveraõ a fortuna de o ouvir, obra taõ singular, como o seu Author, a quem mais merecidamente o havia dedicar, que à Pessoa de V. m. pela estreita amizade, que com elle trata, e pelo gosto grande, que terá, vendo assim dilatado o nome, e a fama deste seu taõ cordeal amigo? Ninguem

guem me estranhará o acerto da eleição ;  
com que busco o patrocínio de V. m. ; e se a  
alguem parecer temeraria , não importa , que  
para mim bastarme-há , que seja de V. m.  
bem aceita a vontade , que lhe tributa esta  
offerta , que he na minha estimação tão  
grande , que não tem mais , que lhe offere-  
cer o meu affecto. Nas mãos de V. m. nem  
a offerta terá que temer , nem eu terey que  
recear : não terá que temer a offerta , por-  
que para os menos affeioados achará em V.  
m. o sagrado do patrocínio ; nem eu terey  
que recear , porque me não arguirão de in-  
grato , quando são tão continuadas as confis-  
sões da minha obrigação.

Bem desejava agora a penna dilatar-  
se mais nas singularidades da Pessoa de V.  
m. , elogiando os seus , não só nobres , mas  
nobilissimos Ascendentes tão celebrados , e  
esclarecidos , como notorios , e manifestos ;  
mas sey que como tão illustre , não admitte o  
seu genio estas lisonjas , lembrando-se do que  
em semelhante occasião disse Seneca : Nemo  
in nostram gloriam vixit , nec quod ante  
nos , fuit nostrum. (a) Mas nem com tudo  
isso passarey em silencio os dotes , com que  
Deos

---

(a) Senec.

Deos enriqueceo a V. m. para perfeitissimo Ministro de huma Republica , taõ recto na sua justiça , como humano na sua benignidade ; taõ prompto nos seus despachos , como acertado nas suas determinações : os annos poucos , mas sobre os annos taõ elevado o juizo , que bem podemos dizer de V. m. o que de Ascanio disse Virgilio : Ante annos animumque gerens , curamque virilem ; (b) porque ha annos , que sendo poucos na duração , são na prudencia muitos : Rerum prudentia maior ante pilos venit , disse Juvenal. (c)

Cortando em fim pelas mais perfeições , com que o Ceo enriqueceo a Pessoa de V. m. , acabo , pedindo-lhe queira aceitar o patrocínio deste Sermaõ , naõ reparando na humildade de quem lho offerta , mas na grandeza da sua Pessoa , que como a de Trajano tem por lisonja o pedir-lhe mercês. Deos guarde a V. m. por largos annos , para lograr por muito dilatados as prosperidades , e augmentos , que merece.

João da Costa Soares.

LI-

---

(b) *Æneid.* 9. (c) *Juven.*

# LICENÇAS.

Do Santo Officio.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Manoel do Nascimento,  
Religioso da sagrada Religião dos Prégadores, e Qua-  
lificador do Santo Officio, &c.*

ILLUST. E REVER. SENHORES.

**E** Ste Sermaõ de Acçaõ de graças a Deos, feita pelos Homens de Negocio da Villa do Recife de Parnambuco, pela conservaçaõ da vida, e faude de S. Magestade Fidelissima, que na Real Igreja da Madre de Deos da Congregaçaõ do Oratorio da mesma Villa prégou o R. P. Ignacio da Silva, Preposito, e Mestre que ahi foy de Filosofia, e Theologia, he legitima producçaõ de hum dos singulares engenhos, de que se integra aquella Congregaçaõ, onde saõ tantos, como os individuos, os doutos. Nelle falla o Author sem aspereza, discorre com naturalidade, textua sem violencia; em fim he parto de hum Theologo Mestre, que confere no Oratorio com Deos as suas proposições, em as quaes se naõ encontra hum só apice contra a pureza da Fé, ou bons costumes, que lhe possa embarçar a licença, que se pretende para sahir à luz publica por beneficio da estampa. Este o meu parecer. Vossas Illustrissimas Reverendissimas mandarãõ o que for mais acertado. Lisboa, em S. Domingos, aos 14 de Outubro de 1760.

*Fr. Manoel do Nascimento.*

Vista

**V**ista a informaçãõ , pôde-se imprimir o Sermaõ ,  
que se apresenta, e depois voltará conferido pa-  
ra se dar licença, que corra, sem a qual naõ correrá.  
Lisboa, 14 de Outubro de 1760.

*Silva. Trigofo. Carvalho. Mello.*

---

---

## Do Ordinario.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Joseph Manoel da Con-  
ceiçãõ, Religioso da Terceira Ordem do Serafico Padre  
S. Francisco, &c.*

EXCEL. E REVER. SENHOR.

**L**io Sermaõ , que V. Excellencia me mandou  
rever. Dispensavel parecia esta reflexa liçãõ  
depois de ter lido o luzido nome do seu di-  
gnissimo Author ; porém a tanto necessita a obediencia,  
e mais o lucro. Faltar ao que V. Excellencia me  
ordena, seria ignorar a decorosa resulta dos seus preceitos,  
e naõ ler esta eruditissima Oraçãõ , seria tambem  
privarme da proveitosa conveniencia da sua leitura.  
Por isso foy só a ambiçãõ o que até agora tem parecido  
descuido ; padece sua hidropesia o interesse ; quanto  
mais lia esta Gratulatoria Declamaçãõ , mais a desejava  
ler ; repetia com a obediencia a utilidade ; suspen-  
dia-me , porque a admirava , retinha-a , porque  
queria aprender. Esta foy toda a causa de a demorar  
nas minhas mãos alguns dias ; diçtames estimaõ-se , e  
exemplares conservaõ-se. Tanta he na verdade a gloriosa  
fortuna da sempre illustre , sabia , e florentissima  
Congregaçãõ do Oratorio : parece que neste Oratorio  
sagrado se fizeraõ congregadas as letras, e mais

as virtudes; sempre se veneraraõ neste Religiosissimo Santuario as venerandas imagens da Probidade, e da Sabedoria: se a mesma Fama se naõ fatigasse com o dilatado calculo dos seus memoraveis Alumnos, bastava só esta moral, e eloquentissima Oraçaõ para eternisar no seu templo huma, e outra admiravel conducta. Foy sempre a America fecundo paiz de engenhos, e de ouro; acharaõ o ouro os Homens de Negocio da Villa do Recife de Parnambuco, para a profusaõ; e teve o M. R. P. M. Ignacio da Silva engenho para com a doçura das frases, e suavidade das Escrituras formar esta gratissima producçaõ: deraõ todos tudo quanto possuiaõ pela preciosa joya da preciosa faude, e importantissima vida do nosso adorado, e Fidelissimo Rey; o Orador o engenho para o agradecimento, e os Homens de Negocio os talentos para o culto. O certo he que em tudo foy peregrina esta plausivel Acçaõ de graças; só os Homens de Negocio da Villa do Recife de Parnambuco souberaõ negociar esta distincçaõ, e só tambem o Author desta Homilia mereceo lucrar tanta singularidade. Ninguem como elle soube taõ doutamente atar, e unir antinomias taõ disparada, como agradecimentos, e queixas; deixou-nos porém no discreto vinculo do assumpto o exemplo para a imitaçaõ: os agradecimentos, porque de todos se faz digno por esta Oraçaõ eloquentissima, e as queixas, porque he já no prélo interminavel o resentimento desta mesma naõ ser toda a gloriosa occupaçaõ da sua illustre fadiga. Este he o alto conceito, que faço do grande merecimento deste Sermaõ; porém como a minha fiel obediencia sempre he responsavel às determinações de V. Excellencia, para reiterar as escravidões da minha vontade, ordenará V. Excellencia o que for servido. Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa, em 5 de Janeiro de 1761.

*O M. Fr. Joseph Manoel da Conceição.*

B

Vista

Vista a informaçãõ póde imprimirse o Sermaõ de  
que se trata. Lisboa, 11 de Fevereiro de 1761.

*J. A. de Lacedemonia.*

---

## Do Desembargo do Paço.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Manoel de S. Boaven-  
tura, Religioso da sagrada Religiãõ dos Carmelitas  
Descalços, &c.*

S E N H O R.

**N**Aõ me move o affecto especial, com que eu,  
e toda a minha sagrada Reforma, veneramos  
aos Alumnos da preclarissima, e Religiosis-  
sima Congregaçãõ do Oratorio, para dizer a V. Ma-  
gestade o conceito, que formo deste Sermaõ, em que  
V. Magestade Fidelissima me manda interpor o meu  
parecer. Está este Sermaõ cabalmente perfeito; este  
he o meu sentir. Prégou-o hum Prelado, hum Mes-  
tre, hum Filho de S. Philippe Neri, e teve por obje-  
cto o empenho mayor, que podia haver entre os fieis  
vassallos de V. Magestade. Naõ foy menos que agra-  
decer ao Rey do Ceo a conservaçãõ da vida entre os  
perigos, em que poz a de V. Magestade, e a de to-  
do o Reino, a barbaridade de hum monstruoso, e fa-  
crilego atrevimento. Para os empenhos grandes naõ  
bastaõ quaesquer forças; porque quanto mais preclara  
he a empreza, tanto mais cresce a difficuldade: *Diffi-  
cilia sunt, quæ præclara*, disse Plataõ no seu livro de  
Republica: e mostrou bem o Author deste Sermaõ a  
superioridade do seu Magisterio em a formatura de hu-  
ma idéa, com os visos de inacessivel, que desempe-  
nhou

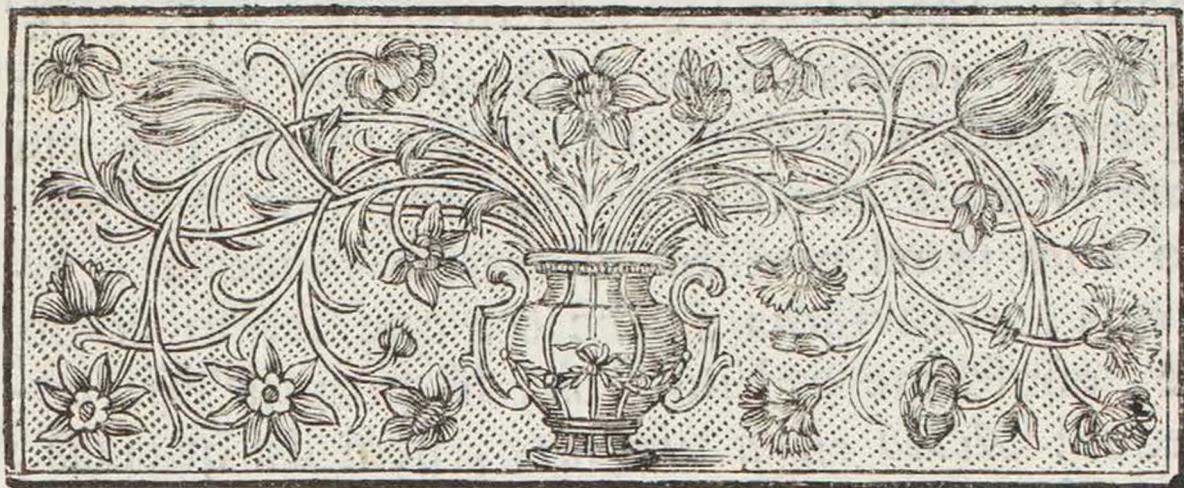
nhou o preclaro do seu subtil engenho. Aonde a fortuna nos concede os mayores goztos, ( disse Plut. *de tranquil. anim.* ) alli nos prepara a infelicidade as calamidades mais sensiveis: *Quod jucundissimum est, idem calamitosum est*; assim o experimentamos successivamente no fatal successo, que o rubor de vassallo recusa proferir, quanto póde; porque eraõ vassallos de V. Magestade os que o maquinaraõ: e sendo as alegrias, e tristezas humas figuras de taõ diversos, e encontrados aspectos, soube-os unir nesta sua Accaõ gratulatoria o M. R. P. M. Ignacio da Silva. Ninguem melhor que o seu Patriarca o Estatico S. Philippe Neri, explicou os bens, que a divina Providencia costuma tirar dos nossos males; e este insigne Orador, como seu verdadeiro filho, lhe herdou o espirito; e neste seu Sermaõ ao mesmo tempo que renova a justa dor do que obraraõ os homens mais malevolos, nos excita ao agradecimento do que Deos fez, como taõ amante que he deste seu Reino de Portugal. Envolveo o meu grande Patriarca, e Profeta Santo Elias na sua capa o seu espirito multiplicado para satisfazer às supplicas de meu Padre Santo Elizeo: *Fiat in me duplex spiritus tuus*: fiou o Santo Patriarca da vista dos olhos esta herança que deixou ao Subdito, e Discipulo, que o seguiu mais fiel: *Si videris me, quando tollar à te, erit tibi quod petisti*: pelas suas observações conhecerãõ os Jerecuntinos que residia em Elizeo o espirito de Elias: *Videntes filii Prophetarum, qui erunt in Jericho è contra, dixerunt: Requievit spiritus Eliæ super Eliseum*. Agora tambem aos olhos vistos se collige a fidelidade no seguir a S. Philippe Neri, que tem este seu filho, e Prelado da sua exemplarissima Congregaõ, pela herança, de que neste Sermaõ se ostenta possuidor, em nos declarar a grandeza do poder divino em tirar bens de taõ grandes males. Assim nada contém este Sermaõ contra o Real serviço de V. Magestade Fidelissima, que ordenará o que for servido. Lisboa, Convento de Corpus Christi de Carmelitas descalços, 15 de Março de 1761.

*Fr. Manoel de S. Boaventura.*

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo  
Officio, e Ordinario, e depois de impresso tor-  
nará à Mesa conferido para se lhe dar licença  
para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa, 2 de  
Abril de 1761.

*Carvalho. D. Velho. Castello. Siqueira.*

*Data*



*Data est mihi omnis potestas in Cælo, & in terra. Matth. 28.*

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central



**D**UVIDEY se me havia agora queixar, ou se devia agradecer: indecilo me vi se a presente Acção se devia dirigir a dar a Deos humildemente as graças, ou se se devia encaminhar a representarhe sentida, mas justamente, as queixas.

Quando os successos são taes ( como foram os que deraõ occasião à Acção presente ) que a divina Providencia mistura nelles as felicidades com os infortunios, e faz as ditas companheiras das desgraças, sendo entaõ taõ desculpaveis as queixas, como devidos os agradecimentos, não atina facilmente o juizo porque vereda deva guiar a vontade, quanto mais senhora mais cega. Queixar, e não agradecer seria desattender a razão por desafogar o sentimento.

mento: agradecer, e não queixar, seria acreditar o racional com desdouro do sensitivo: agradecer, e queixar juntamente, seria pôr em campo dous affectos contrarios, que pelejando com igual partido, deixariaõ indecisa a victoria, e duvidosa a Acção, que sendo como he, conforme os Filósofos, só propria do vencedor: *Actio est à vincente*, nem de queixas, nem de agradecimentos seria.

Neste armisticio, ou suspenção de affectos contrarios, resolvime a seguir ambos os partidos; agradecer sim, mas depois de queixarme: render sim a Deos as graças, mas depois de lhe representar as queixas; porque se Deos nos deu primeiro a provar o fel dos infortunios, que nos brindasse com o neectar dos beneficios, justo parece, que attenda primeiro às nossas queixas, do que receba os nossos agradecimentos; e para que aquellas sejaõ mais attendidas por justificadas, seraõ fundadas nas palavras do mesmo Christo, que saõ as que já ouvistes do cap. 28. do Evangelho de S. Matheus.

*Data est mihi omnis potestas in Cælo, & in terra.* Eu, diz Christo, tenho, porque mo deu meu Eterno Pay, todo o dominio, e poder no Ceo, e na terra. No Ceo sem o meu imperio nem os Planetas gyraõ, nem os Astros influem, nem as Esferas se revolvem: os rayos não se formaõ, nem os metheoros se accendem: os ventos não sopraõ, nem as nuvens correm, nem as Ayes voaõ. Na terra sem licença minha  
o mar

*de Acção de graças a Deos.* 3

o mar não se altera, nem os rios correm: as arvores não crescem, nem os viventes respirão: os exercitos não triunfão, nem os Imperios florecem: os Reys não governão, nem os Príncipes dominaão; porque na terra, e no Ceo tudo gyra debaixo do meu poder, e está sujeito ao meu mando: *Data est mihi omnis potestas in Cælo, & in terra.*

Sim, Senhor, não podemos deixar de confessar, que este, e mayor ainda que este, he o vosso poder; porém tambem Vós não nos haveis de negar, que Portugal, com inveja das outras Monarquias do mundo, he o vosso Imperio, firme, e estabelecido logo quando fundado no primeiro Rey dos Portuguezes, e continuado em seus Reaes Successores. Vós mesmo o dissestes: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire;* (a) pois se aquelle he o vosso poder, e este he o vosso Imperio tão firme, como vosso: *Mihi stabilire,* como soffrestes, que se chegasse a pôr tão duvidoso, que pouco lhe faltou para se arruinar, e cahir?

Quando o forte armado defende a sua casa, logra em paz tudo, quanto nella domina, e possue; assim o dissestes Vós mesmo por S. Lucas: *Cùm fortis armatus custodit atrium suum, in pace sunt omnia, quæ possidet.* (b) Que forte armado póde ser este, senão Vós, tão forte que nada vos resiste: *Potens es Domine, quis resistet tibi?* (c) e tão armado, que nun-

ca

---

(a) Brito 1. p. da Chronic. de Cist. lib. 3. cap. 3. (b) Luc. c. 11. v. 21.  
(c) Psalm. 88. Psalm. 75.

ca já mais embainhastes a espada, que huma vez arrancastes da bainha: *Qui educit gladium suum de vagina irrevocabilem*: (a) logo como permittistes, que com tanta offensa vossa, e injuria nossa se perturbasse taõ afrontosamente a paz inalteravel, sempre, e sagradamente observada entre os vassallos, e Reys Portuguezes, que os vassallos chegaraõ a tomar, e dilparar armas contra o seu Rey, e o Rey, se naõ acabou, ficou lastimoso despojo, e lamentavel victima da sua aleivosia?

Outra vez dissestes: Que se o Pay de familias soubera a hora, em que o ladraõ havia de vir, faria sentinella para livrar a sua casa de qualquer insulto, ou assalto: *Si sciret Pater familias qua hora fur veniret, vigilaret utique, & non sineret perfodi domum suam*. (b) Quem he este Pay senaõ Vós, que por ser Rey, e Senhor, naõ deixais de ter tambem Pay: *Si Dominus ego sum, si Pater ego sum?* (c) Sendo Portugal a vossa Casa, porque he o vosso Imperio: *Imperium mihi stabilire*: sendo os seus vassallos os vossos familiares: *Erit mihi populus fide purus, pietate dilectus*: naõ faltando em Vós sciencia: *Si sciret*, nem providencia: *Vigilaret utique*, nem tambem poder: *Non sineret perfodi*; como consentistes, que no silencio de huma noite sempre memoravel, e sempre horrorosa para Portugal, naõ hum só ladraõ, mas muitos salteadores invadissem a  
vossa

---

(a) Ezech. c. 21. v. 5. (b) Luc. c. 12. v. 39. (c) Malach. c. 1. v. 6.

*de Acção de graças a Deos.*

5

vossa casa, e insultassem o vosso Reino, pertendendo despojallo das joyas mais preciosas, com que enriquece o Cetro, e esmalta a Coroa, quaes são a vida do Rey, e a fidelidade dos vassallos? Foy isto falta de amor, ou defeito de cuidado: *Domine non est tibi cura?*

Estas, e outras, que callo, são as razões, porque duvidey ao principio se me devia queixar; porém agora entendo, que são estas as mesmas razões, porque devemos agradecer. He verdade, que a perda da fidelidade nos vassallos para com o seu Rey, e o perigo de perder a vida no Rey pela infidelidade dos vassallos em huma Nação, que sempre fez timbre de ser fiel ao seu Rey, motivos são poderosos para sentir, e justos para queixar a Deos, que podendo, nem huma, nem outra cousa quiz impedir; supponhamos porém, que Deos contrahindo a si as forças do seu poder, permittia que perigasse a vida do Rey pela infidelidade dos vassallos, para que o Rey lograsse mais estimavel a vida, e os vassallos mais segura a fidelidade, não seria por esta permissão devido a Deos todo o louvor, e agradecimento? Quem o pôde duvidar. Pois estas, quanto ao que alcanço, foram as ideas da Providencia divina: deu-nos que sentir, para que tivessemos, que lhe agradecer: fez materia do seu louvor o mesmo, que se fazia motivo da nossa queixa: quando parecia mostrar fraquezas no seu poder, ostentou mayores as forças da sua Omnipotencia: em fim, permittio que a infidelidade dos vassallos

C

conf.

conspirasse atrevida , e sacrilegamente contra a vida do seu Rey , para que a vida do seu Rey fosse mais estimavel , e a fidelidade dos vassallos ficasse mais firme. Estes os motivos , que temos para dar a Deos as graças : para que o façamos com o acerto , que deve ser , empenhemos para a graça aquella Senhora , em que o poder de Deos se ostentou grande : *Fecit mihi magna , qui potens est.*

*Ave Maria.*

*Data est mihi omnis potestas in Cælo , & in terra. Loc. cit.*

§. I.

**M**uito se enganaõ os homens com as obras de Deos : como não podem alcançar os designios da sua Providencia , nem tambem medir as forças do seu poder , persuadem-se que Deos pretende destruir , ao mesmo passo que vay a edificar : *Cogitavit Dominus dissipare murum filie Sion.* (a) Entrou Deos , diz Jeremias , na idéa de como havia destruir os muros da filha de Sião , ou Jerusaleem , e adverte logo o Profeta , que lançara o Senhor mão do prumo , e estendera a linha : *Tetendit funiculum suum.* O prumo , e a linha não são instrumentos de que usaõ os Artifices para edificar ? Hã sem

(a) Thren. 2. 8.

*de Acção de graças a Deos.* 7

fem duvida: logo como lança Deos maõ delles: *Tetendit funiculum suum*, quando pertende destruir: *Cogitavit Dominus dissipare?* Foy para entenderem os homens, que Deos quando parece que destroe, entaõ edifica, e que em Deos os pensamentos de destruir: *Cogitavit Dominus dissipare*, naõ saõ senaõ idéas de edificar: *Tetendit funiculum suum.*

Quem se naõ perluadira, que cuidava em destruir a Portugal ( que pela paz, em que se conserva, melhor que qualquer Monarquia do mundo, merece o nome de filha de Siao, ou Jerusalem ) vendo, que arrazados já os edificios da sua nobre Capital, entrava Deos naõ só a derrubarlhe os muros, mas até aquelles inexpugnaveis baluartes, com que se conserva, e defende o illustre corpo da sua Monarquia, quaes saõ a fidelidade dos vassallos, e a vida do Rey: *Cogitavit Dominus dissipare?* Mas enganava-se; porque para Portugal essas ruinas foraõ reparos, e essas demonstraçoẽs de destruir foraõ linhas, que Deos lançou para o edificar: *Tetendit funiculum suum.*

Está-me parecendo, que Deos se houve com o seu Imperio na terra, que he Portugal, como se tinha havido no Emphyreo, que he o seu Reino no Ceo: se naõ he, que as permissoes que Deos deu ao seu poder no Ceo, foraõ ensayos para as que lhe havia de dar em Portugal na terra. Houve no Ceo hum motim, que chegou a ser batalha forte, e renhida entre os seus Cidadãos: *Factum est praelium ma-*

*gnum in Cælo.* (a) A causa não foy outra mais, que a infidelidade de hum vassallo ( Lucifer era este ) que não satisfeito com a nobreza de ser immediato ao Rey, nem contente com os cabedaes, com que se enriquecia à custa do Real Erario, desvanecido de si, e mal pago das providencias do governo do seu Soberano, que todas respeitavaõ a humanarse, trazendo ao seu partido huma grande parte da nobreza daquelle Reino, pertendeo não só collocar o seu throno sobre todos, senão que conspirando contra a Pessoa do mesmo Rey, quiz tirarlhe o ser na semelhança, que aspirou ter com elle: *Super astra Dei exaltabo solium meum, similis ero Altissimo.* (b) Não ficou sem castigo taõ sacrilego attentado, porque toda a soberba daquelle infiel vassallo, e seus sequazes, se entregou à voracidade das chammas: *In Infernum detraberis,* (c) e depois à profundidade do mar: *Et in profundum lacu,* não consentindo a justa indignação do seu Monarca ficasse no Ceo em pé lugar algum das suas moradias: *Neque locus inventus est eorum amplius in Cælo.* (d)

Se na realidade vira-mos este successo, como o viraõ em representação hum Profeta Evangelico, e hum Evangelista Profeta, Isaias, e S. Joaõ, não nos persuadira-mos, que estas permissões do divino poder se encaminhavaõ à ruina do Reino Celestial? Porque perturbada a paz, rota a uniaõ dos seus moradores, quebrada

---

(a) Apoc. c. 12. v. 7. (b) Isai. c. 14. v. 13. e 14. (c) Id. v. 15. (d) Apoc. c. 12. v. 8.

*de Acção de graças a Deos.* 9

brada a fidelidade dos seus vassallos, desfacatada a Pessoa do seu Sobrano, que se podia seguir, e que se devia esperar, senão huma total ruina? Mas não foy assim; porque o que se seguiu, foy huma perpetua, e inalteravel felicidade do Rey, do Reino, e dos vassallos, como logo se publicou no Ceo com huma voz tão alta, que lá na Ilha de Patmos a ouvio o Evangelista: *Et audivi vocem magnam in Cælo dicentem: Nunc facta est salus, & virtus, & potestas Christi ejus.* (a) Reparay bem nelas palavras, que mais foraõ ditas para agora, do que para entaõ; que tanto cuidado daõ a Deos os successos de Portugal, que muito anticipadamente os retratou no Ceo.

O que acabo de referir acontecido no Reino de Deos ha tantos mil annos, he tão parecido ao que succedeo no nosso Reino pouco menos ha de onze mezes, que me desobriga da applicaçãõ: desejava porém agora huma voz tão alta, como a que entaõ se ouvio no Ceo: *Et audivi vocem magnam in Cælo*, para que clamando chegassem os seus eccos até onde a Monarquia Portugueza chega com o seu dominio, que he ao mundo todo. Clamaria à Europa, à Africa, à Asia o mesmo, que clamou no Ceo aquella voz, e vou agora a dizer à nossa America: *Nunc salus facta est, & virtus, & potestas Christi ejus.*

Nobres, e esclarecidos Portuguezes, choraveis

---

(a) Apoc, c. 12. v. 10.

raveis perdida a saude, e muito perto de perderse a vida do vosso Fidelissimo Rey pela inconfidencia dos que se reputavaõ por vassallos? Pois a hi tendes recuperada a vida, e restituída a saude do vosso Rey: *Nunc salus facta est.* Lamentaveis tambem ultrajada aquella virtude, que tanto vos distingue das mais nações de todo o Orbe, qual he a fidelidade com o vosso Soberano? Pois a hi tendes agora mais firme essa virtude: *Nunc virtus facta est.* Imaginaveis, que a Providencia divina nas suas permittões caminhava a destruir? Pois a hi tendes empenhado o poder de Deos em edificar: *Nunc potestas Christi ejus.* E para que vos certifiqueis melhor dos empenhos do divino poder, dai-me attençaõ em quanto os pondero.

Faculdade de Filosofia

2. II.

Ciências e Letras

Biblioteca

*Nunc salus facta est.*

**L**amentava Portugal a perda da saude, e o perigo da vida do seu Soberano, estragos que nelle fez a féra mais cruel, deshumana, e pessima, qual foy a infidelidade dos vassallos, como Jacob a perda imaginada do seu Joseph, causada por outra semelhante féra, qual foy a infidelidade de seus irmãos: *Lugens multo tempore ... bestia devoravit Joseph ... fera pessima devoravit eum.* (a) Porém já pôde

---

(a) Gen. 37.

de enxugar Portugal, como Jacob, as lagrimas, dar desafogo à dor, e respiração ao espirito: *Revixit spiritus ejus*; (a) porque já tem saúde, já vive, porque já reina Joseph Rey, e juntamente Pay dos Portuguezes, como viveo, e reinou o outro Joseph filho de Jacob, e Vice-Rey do Egypto: *Joseph filius tuus vivit*.

He verdade, que os filhos de Jacob trabalharaõ muito por tirar a vida a seu irmão Joseph ( que descuido naõ he achaque, de que adoeça a malicia ) só porque imaginaraõ, que de irmãos passariaõ a ser vassallos, e como taes renderiaõ sujeições ao seu mando, como elles mesmos diziaõ: *Nunquid Rex noster eris, aut subjiciemur ditioni tuæ?* (b) mas illudio Deos, e desfarmou todas essas maquinas, fazendo que as idéas, que se dirigiaõ para darlhe a morte, fossem meyas para lhe dilatar, e felicitar a vida. Mais além passou, porque mais atrevida foy a inconfidencia de alguns vassallos do Joseph Rey de Portugal, que a infidelidade dos irmãos de Joseph Vice Rey do Egypto; porque o que nestes foraõ só pensamentos: *Cogitaverunt occidere*, (c) naquelles foraõ execuções: o que em huns foraõ só desejos: *Venite occidamus eum*, (d) em outros foraõ realidades; porque effectivamente conspiraraõ contra vida do seu Rey, reduzindo-a a perigo moralmente certo de perderse: mal satisfeitos estes como aquelles do suave jugo do seu dominio, e pouco contentes das

---

(a) Idem c. 45. v. 27. (b) Gen. 37. v. 8. (c) Ibid. y. 18. (d) Ibid. v. 20.

das acertadas disposições do seu governo: *Nunquid Rex noster eris, aut subjiciemur ditioni tue?* A que se não atreverá a desordenada ambição de governar, quando se acompanha do desgosto, e desprazer de obedecer! Porém dessa conspiração para a morte, que não foy mais, que huma occulta permissão da divina Providencia, tomou Deos occasião de ostentar o seu poder, fazendo que lograssemos vivo, e saõ aquelle mesmo, que choravamos enfermo, e suppunhamos morto: *Nunc salus facta est, nunc potestas.*

Pelo modo, com que Deos se houve com o Rey de Portugal, está me lembrando o com que se houve com David, que tambem foy Rey de Israel. Diz este, que Deos lhe inviara juntas duas tribulações, a que dá o nome de castigos, que castigos saõ muito ordinariamente dos Reys os peccados dos vassallos: *Castigans castigavit me Dominus: (a)* e adverte logo, que o mesmo Deos, que me inviara as tribulações, o livrara tambem da morte: *Et morti non tradidit me.* Que tribulações seriaõ estas, que tanto de tropel vieraõ sobre o Santo Rey? Eu não sey quaes podessẽ ser, vindo taõ juntas, senaõ as rebelliões, ou conspirações de dous vassallos, que hum logo depois do outro se rebella-raõ, e conspiraraõ contra elle. Hum que era vassallo, e juntamente filho, foy Absalaõ, outro foy Semei. Absalaõ conjurou-se contra seu

pay,

---

(a) Psalm. 117. v. 18,

pay, e seu Rey, pertendendo tirar-lhe a vida, e tambem o Reino à força de armas: *Ecce filius meus, qui egressus est de utero meo, querit animam meam*, (a) dizia o Santo Rey justamente queixoso de lhe querer tirar a vida aquelle mesmo, a quem elle a dera. Semei conspirou contra o Rey, intentando tirar-lhe a vida à força de tiros; de pedras eraõ, e de balas foraõ, se já as houvera: *Et ecce vir nomine Semei procedebat, mittebatque lapides contra David.* (b)

Pois permite Deos, que se arme contra David a infidelidade dos vassallos, e ao mesmo tempo, que a poem em risco de lhe tirarem a vida, entãõ he, que a tira das mãos da morte: *Et morti non tradidit me?* Se lhe havia conservar a vida, naõ fora melhor fazello sem o pôr nesses riscos? Naõ; porque queria Deos ostentar em David as forças do seu poder, e por illo foy necessario metello naquelles perigos, e consentio essas permissões: os tiros de Semei, e as armas de Absalaõ todos conspiraõ a dar a morte a David: *Ecce filius meus querit animam meam*: e que fez entãõ Deos? Converteo para David as maquinações da morte em instrumentos da vida, para que o mesmo David cantasse, como depois cantou ao som da tua harpa, a grandeza do seu poder: *Non moriar, sed vivam, & enarrabo opera Domini.* (c)

D

Affim

---

(a) Reg. 2. c. 16. v. 11. (b) Ibid. v. 5. (c) Psalm. 117. v. 17.

Assim se houve Deos com o Rey de Israel; porém mais empenhado mostrou ainda o seu poder com o Rey de Portugal: porque supposto permittisse, que hum, e outro vissem contra si armada a infidelidade dos vassallos, com tudo não consta, que as armas de Absalaõ, e os tiros de Semei fizellem em Israel os estragos, que vimos em Portugal: conspiraraõ sim contra David, mas deixando-lhe illesa a pessoa, e salva a vida: cá as armas, e tiros dos vassallos, ultrajando a Pessoa do Rey, perderaõ-lhe a saude, e pozeraõ em evidente perigo a vida; mas isso mesmo foy industria da Providencia Divina, que quiz medisse-mos pela grandeza do perigo a maioria do empenho, com que reforçou o seu poder para conservar no nosso Rey a vida, e restituir-lhe a saude: *Nunc salus facta est, nunc potestas.*

Mas a que fim, me perguntará agora alguém, empenha Deos tanto o seu poder na conservação da vida, e restituição da saude do nosso Rey? O fim elle o sabe; o que me dá a entender a Acção presente, he que mostrou Deos estes empenhos, para que a vida, e saude do Rey ficassem agora mais estimadas. Até agora como bons, e fieis vassallos todos estimavamos a vida, e saude do nosso Rey; porém essa estimação era de hum bem, que se lograva sem os sustos de perderse; agora logramos esse mesmo bem, mas depois de padecermos aquelles sustos: antes a vida, e saude do Rey, eraõ bem que logravamos os vassallos, conservando-

vando-se, agora são bem que possuimos perdendo-se; e não ha duvida, que merece mayor estimação o bem, que se chega a lograr depois que se chegou a perder.

Nunca o Pay do Prodigio deu demonstra-  
ções da estimação, que fazia deste seu filho,  
fenaõ depois que feita huma larga, e dilatada  
jornada o vio restituído à sua casa, e compa-  
nhia: entaõ he que se prepararaõ os banquetes:  
*Cæperunt epulari:* (a) entaõ se afinaraõ os inf-  
trumentos, e entaõ he que soaraõ as musicas:  
*Audivit symphoniam, & chorum.* Perguntay  
ora a este bom Pay pela causa destes excessos,  
e ouvireis o que vos responde: *Hic filius meus  
mortuus erat, & revixit: perierat, & inven-  
tus est.* Não me estranheis estes excessos, nem  
culpeis em mim estas demonstrações de estima-  
ção, que agora faço, e não fazia antes de meu  
filho; porque elle esteve perdido, e agora es-  
tá achado: *Perierat, & inventus est:* tive-o  
por morto, e agora apparece-me vivo: *Mortuus  
erat, & revixit.* Em quanto estive na minha  
companhia, era bem, que eu lograva sem re-  
ceio de perdello: agora que torna para ella, he  
bem, que possuo com o susto de o ter perdi-  
do; pois razaõ tem para ser mais estimado:  
*Gaudere oportet.*

Senhores meus, todos nós sabemos, que  
a saude do nosso Fidelissimo Rey esteve perdi-  
da, e que agora está achada, e restituída: *Pe-*

D ii

rie-

---

(a) Luc. c. 15. v. 24.

*rierat, & inventa est.* Nenhum de nós ignora os perigos, que correo a sua vida; taes foraõ, que se julgou por morto: *Mortuus erat*; porém já o temos vivo: *Et revixit*: que resta logo senaõ alegrar, e dar a Deos as graças: *Gaudere oportet*, que para a fazer mais estimavel empenhou as forças do seu poder: *Nunc salus facta est, nunc potestas.*

§. III.

*Nunc virtus.*

**A**gora ostentou tambem Deos o seu poder; porque permittindo a infidelidade de alguns vassallos Portuguezes, foy para que fizelle mais firme a fidelidade de todos. He a Fidelidade virtude propria, e como caracteristica dos Portuguezes: já o cantou assim hum Cysne tambem Portuguez:

*Grandemente por certo estaõ provados,  
Pois nenbum trabalho grande os tira  
Daquelle Portugueza alta excellencia  
Da lealdade firme, e obediencia. (a)*

He taõ antiga nelles esta virtude, que com elles parece se criou, e nasceo: *Liceat notare eximiam fidelitatem nostrorum cognitam*

---

(a) Cam. Lus. cant. 5. oit. 72.

*tam jam ab antiquo.* (a) Diz o nosso illustre Souza de Macedo. He nelles taõ attendida ainda dos estranhos, que Julio Cesar Augusto, e Sergio Galba Imperadores, delles mais que dos seus proprios vassallos fiavaõ a guarda de suas Reaes Pelloas, como referem Suetonio, Tacito, e outros Authores.

Foy sempre entre os Portuguezes tratada taõ religiosamente esta virtude, que julgariaõ sacrilegio haver quem fizesse delles, e della menos confiança. Quando Philippe Prudente (b) quiz entrar em Portugal, posto já em Badajós, pediu ao seu General hum Terço para guarda da sua Pessoa: D. Christovão de Moura, Fidalgo Portuguez, e Marquez que foy de Castello Rodrigo, observando esta determinação do Rey, acudio logo, dizendo lhe: Peço humildemente a V. Magestade, que naõ entendaõ os Portuguezes, que V. Magestade se naõ fia delles, porque nunca lhe conquistaremos os corações, que he só o que pretendemos. Disse bem este Valido, mas julgou mal; porque se os corações dos Portuguezes eraõ fieis, como sabia, e confessava, por isso mesmo se naõ deixariaõ conquistar de quem nem seu Senhor, nem seu Rey era.

Finalmente para prova da fidelidade Portugueza ouvi o que diz Bessio, que por ser Author estranho fica menos suspeito: *Non invenitur in historiis Lusitanos unquam proprium*

---

(a) Lusit. lib. Prox. pag. 48. (b) Apud. Bern. Florest. t. 5. pag. 120.

*prium occidisse Regem, quinimò nec adversus Capitaneum etiam in remotissimis partibus rebellarunt:* (a) Não se achará nas historias, diz este Author, que os Portuguezes já mais conspirassem a tirar a vida ao proprio Rey, e o que ainda he mais, nem que se rebellassem contra Capitaõ, ou Governador algum nos dominios ainda mais remotos desta Monarquia.

Mas isto que se não encontrará escrito nas historias passadas, he o que Portugal chora succedido nos tempos presentes. Já faltou a fidelidade nos Portuguezes, que atrevidamente conspiraraõ contra a vida do seu Rey. Oh perda lamentavel! Oh desgraça fatal! Que se agora só se considera impressa nos corações para justo motivo da dor, algum dia se lerá escrita nos Annaes para eterno opprobrio da naçaõ. Perderaõ os Portuguezes, diraõ as historias futuras, perderaõ aquella joya, com que tanto se enriqueciaõ; profanaraõ aquelle brazaõ, com que tanto se honravaõ; faltaraõ àquella virtude, com que tanto se distinguiãõ das outras nações; morreo, espirou, acabou-se a fidelidade Portugueza.

Mas não, Senhores, não espirou a fidelidade Portugueza, não morreo, nem se acabou, antes agora tomou novas forças, e se revestio de novos alentos; porque se Deos pelos occultos juizos da sua Providencia permittio, que

---

(a) Apud Soufam ubi sup. pag. 49.

que faltassem em alguns, foy para que com manifestos empenhos do seu poder a conservasse mais firme em todos. Contra a virtude, dizia o Seneca, o mesmo podem os damnos, e faltas, que contra o Sol póde a nevoa: *Adversus virtutem hoc possunt damna, quod adversus Solem nebula potest.* (a) Observastes já o Sol em hum dia escuro, e nublado? Não vos parece ter trocado a gala pela mortalha, e que se deixou sepultar em tumulo de sombras, o que nasceo, e se criou em berço de luzes? Mas deixai-o romper esse nublado, e pôr em fugida essas sombras, e vereis como vem armado de rayos, e fortalecido de calor: obrigações são estas, em que o Sol fica às trevas, e às nuvens, que aquellas lhe augmentão as luzes, e estas lhe intendem o calor: *Hoc saltem habent nubes, & tenebræ boni: illæ quod calorem augent, istæ quod lucem.* Disse Remondo. (b)

Naõ ha duvida que vimos eclipsada a fidelidade Portugueza, mas esse eclipse, que se imaginava roubarlhe o luzimento, naõ foy senão occasião de vigorarlhe o esplendor. Boa he, e util a ferida, que he medicina, e remedio para outras muitas, e maiores feridas: *Bonum vulnus, & utile, quod plurimum, & maiorum vulnerum medicina est.* (c) Escreveo o Petrarca. Em hum corpo taõ nobre, e robusto, qual he a Monarquia Portugueza, huma ferida

---

(a) Sen. apud Picinel. Mund. Symb. tom. 1, (b) Remond. in Dedicat. Epig. (c) Petrarca. de Remed. l. 2.

da na fidelidade, que o anima, e conserva, sem duvida que se podia presumir fazer-lhe critica, e mortal a doença; porém boa, e util foy essa ferida: *Bonum vulnus, & utile*; porque supposto prostrou a fidelidade de alguns, fez mais firme, e robusta a fidelidade de todos.

Na sua Monarquia, que he a sua Igreja, permittio Christo esta ferida, e soffreo este golpe; porque Thomé, hum dos primeiros vassallos, enfermou de infiel: mas se cuidais, que foy acaso, ou descuido em Christo essa permittiaõ, enganais-vos, que não foy senão acertada providencia, com que quiz com a ferida na fé de hum vassallo curar, e fazer robusta a fidelidade de todos: *Non hoc casu* ( diz o grande Gregorio ) *non hoc casu, sed divina dispositione gestum est, ut discipulus ille dubitans ... in nobis vulnera sanaret infidelitatis.* (a)

Naõ foy logo acaso: *Non hoc casu*, nem tambem falta do poder de Deos o permittir faltasse a fidelidade em alguns dos vassallos da Monarquia Portugueza; foy sim admiravel disposiçaõ da sua Providencia: *Sed divina dispensatione gestum est*; porque com a infidelidade de huns quiz curar, fazer vigorosa, e firme a fidelidade de todos: *Ut discipulus ille dubitans in nobis vulnera sanaret infidelitatis.* Antes se quereis, diga o que sinto, não só não foy acaso,

---

(a) Greg. M. Homil. 46. in Evang.

fo, fenaõ que foy necessario haver aquella falta, para que lograssemos esta firmeza. Na mesma Monarquia de Christo, e em outro vassallo mais nobre ainda que Thomé, temos a prova.

Eu, diz Christo a Pedro meu Padre ( que agora me sofrerá dizer, que elle foy o vassallo mais nobre, e mais infiel ainda que Thomé ) eu já tenho rogado por ti a meu Eterno Pay, para que naõ falte, antes seja sempre firme a tua fé: *Ego rogavi pro te, Petre, ut non deficiat fides tua*; (a) porém seguro-te, que antes que o gallo cante, hoje mesmo me serás taõ infiel, que me negues naõ huma só, mas tres vezes: *Dico tibi, Petre, non cantabit hodie gallus, donec ter abneges nosse me.*

Patente está a contradicção, e por isso tambem a difficuldade destes Textos; e para que a penetreis melhor, he de advertir, que Christo naõ fez, nem podia fazer a seu Eterno Pay petição alguma absoluta, que naõ tivesse despacho, nem effeito, nem fosse efficaz; porque sendo a Pessoa de Christo infinitamente digna, e as suas petições summamente justas, naõ havia no Pay razaõ, e por isso nem poder para lhe naõ deferir. Pedio Christo ao Pay, que o glorificasse: *Clarifica me tu Pater*, (b) e logo o Pay lhe deu a sua glorificação: *Nunc clarificatus est filius hominis.* Pedio-lhe a vin-

E da

---

(a) Luc. c. 22. v. 32. & 33. (b) Joan. c. 17. v. 5.

da do Espírito Santo sobre os seus Apóstolos: *Ego rogabo Patrem, & alium Paraclitum dabit vobis, (a)* e desceio sobre todos o Espírito Santo: *Descendit Spiritus Sanctus*. Em fim tudo quanto absolutamente lhe pedio, tudo lhe concedeo; e se no Horto não passou do Filho o calix como lhe pedio, foy porque a petição não foy absoluta, senão condicionada: *Pater, si possibile est, transeat. (b)*

Sendo pois absoluta a petição, que Christo fez ao Pay acerca da fé, e fidelidade de Pedro: *Rogavi pro te, Petre, ut non deficiat fides tua*, era força, que fosse efficaz, e tivesse effeito: e qual podia elle ser, senão o conservar-se Pedro fiel, e permanecer na fidelidade? Como logo segura Christo a Pedro, que o ha de negar, e ser-lhe infiel: *Dico tibi, Petre, non cantabit hodie gallus, donec ter abneges nosse me*: e Pedro de facto lhe foy infiel, e o negou? Ahi vereis quam necessaria he a falta de fé, para haver firmeza na fidelidade. Christo não rogou absolutamente pela fidelidade de Pedro, pedio fim, que fosse firme em Pedro a sua fidelidade: *Ut non deficiat fides tua*; e he tão necessario para a firmeza da fidelidade o ter havido falta nella, que nem a fidelidade de Pedro fora firme sem cahir, nem Pedro cahira, se a sua fidelidade não houvera de ser firme: *Ut non deficiat fides tua*.

Bem

---

(a) Joan. c. 14. v. 16. (b) Matt. c. 26. v. 39.

Bem dizia eu logo, que foy necessario, que alguns vassallos da Monarquia Portugueza faltassem à fidelidade, para que essa fidelidade não faltasse, antes fosse mais firme em todos. Mas ainda não deuy a razão, porque foy necessaria aquella falta, para haver esta firmeza. Eu a dou. A razão he; porque até agora erão os Portuguezes fieis sim, mas com o desvanecimento de não terem perdido a sua fidelidade; daqui por diante também haõ de ser fieis, porém não com o desvanecimento, antes sim com susto, e receyo de a poderem perder; pois já a experiencia lhe mostrou, que tinhaõ este thesouro em vasos de barro: *Habemus thesaurum in vasis fictilibus*, e por illo fragil, e quebradiço, e este mesmo receyo he o que lha fará mais firme.

*Columnæ Cæli contremiscunt.* (a) As columnas do Ceo, diz Job, estaõ em hum continuo temor, estremecimento, e receyo: *Contremiscunt.* Que Job diga de si que teme, e treme: *Tremens factus sum ego, & timeo?* está bem; porém que o affirme das columnas do Ceo, a quem Deos diz por David, que lhe dera estabilidade, e firmeza: *Ego confirmavi columnas ejus?* (b) com que razão? Com muita; porque por illo mesmo as columnas do Ceo estremecem, e receyaõ, estaõ firmes: o receyo de poderem faltar he que lhes dá a firmeza para deixarem de cahir: *Time, si vis esse*

E ii

se

---

(a) Job. c. 26. v. 11. (b) Psalm. 74. v. 4.

*se securus*, disse Gualfrido: (a) *Columnæ Cæli contremiscunt; ego confirmavi columnas ejus.* Segura, e firme está logo a fidelidade Portugueza; porque se Deos com a falta, que nella permittio, lhes mostrou, que a podiaõ perder, nillo mesmo ostentou o poder, com que lha pertendia segurar: *Nunc facta est virtus, nunc potestas Christi ejus. Data est mihi omnis potestas in Cælo, & in terra.*

Concluamos logo que não foraõ descuidos da Divina Providencia, nem tambem tibiezas do Divino poder, o permittir Deos perigasse a vida do nosso Fidelissimo Rey pela infidelidade dos vassallos; antes sim idéas, e occultas traças da mesma Providencia, para que conhecessemos o quanto se empenhou o Divino poder em fazer por meyo daquellas permissões mais estimada a vida do Rey, e mais firme a fidelidade dos Vassallos. Assim mostra o conhece já todo Portugal, e supponho acaba hoje de entender esta taõ fiel, e nobre porção dos seus dominios nas demonstrações, que dá, e nas graças, que a Deos rende, pertendendo com os empenhos da sua gratificação confessar, e juntamente compensar os empenhos do seu poder. Bem mostraõ os que agora assim obraõ, serem homens de Negocio; porque se dispendem os seus cabedaes nas graças, que a Deos daõ, he porque já levaõ seguros os lucros nos beneficios, que Deos lhes fez,

---

(a) Gualfr.

fez, e seguros tambem os avanços nos que esperaõ lhes faça.

Naõ ha na Republica da Natureza nem mayores, nem melhores negociantes, que os rios, cujos cabedaes sempre gyraõ. Se quereis saber em que consiste o seu negocio, Salomaõ o diz: *Ad locum unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluant.* (a) Negoceãõ os rios, diz o Sabio Rey, e negoceãõ com o mar, e o modo he dispendendo com elle os seus cabedaes: toda a prata que possuem, lha entregaõ, mas isso he porque já tiraraõ os lucros no que o mar lhes deu, e esperaõ tirar os avanços no que lhes ha de tornar a dar: *Ad locum unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluant.*

Assim negocearaõ sempre os Rios, que saõ vassallos da Republica da Natureza, e assim negoceãõ agora os que saõ vassallos da Monarquia Lusitana: dispendem sim nas graças, que a Deos daõ, mas he porque receberaõ os lucros, e esperaõ os avanços nos beneficios, que Deos lhes fez, e nos que esperaõ lhes faça: *Ad locum unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluant.*

E que beneficios saõ, Senhor, os que agora esperamos de Vós, senaõ a continuaçaõ dos que já nos fizestes? A empenhos do vosso poder a saude, e a vida do nosso Fidelissimo Rey, que choravamos perdidas, estaõ agora  
mais

---

(a) Ecclesiast. c. i. v. 7.

26 *Sermaõ de Acção de graças a Deos.*

mais estimadas : a fidelidade Portugueza , que lamentavamos cahida , está agora mais firme , e robusta. Alentay, Senhor, as forças do vosso poder: *Excita Domine potentiam tuam*, para que esta firmeza, e aquella estimação sejaõ taõ permanentes, que as graças, que agora vos damos por huma, e outra cá na terra, as vamos perpetuar no Ceo por huma eternidade. *Ad quam nos &c.*

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

